

ORGANIZADORES  
HADDON ROBINSON  
CRAIG BRIAN LARSON

A  
Arte  
EO  
Ofício  
DA

PREGAÇÃO  
BÍBLICA

TRADUTORES  
VALDEMAR KROKER  
DANIEL HUBERT KROKER  
REBECA HUBERT KROKER

Shedd  
publicações

Originally published in the U.S.A. under the title:  
**Art & Craft of Biblical Preaching**  
Copyright © 2005 by Christianity Today International  
Published by permission of Zondervan, Grand Rapids, Michigan

1ª Edição - Maio de 2009

Publicado no Brasil com a devida autorização  
e com todos os direitos reservados por

SHEDD PUBLICAÇÕES LTDA-ME

Rua São Nazário, 30, Sto Amaro

São Paulo-SP - 04741-150

Tel. (011) 5521-1924

Vendas (011) 3577-0177

Email: [sheddpublicacoes@uol.com.br](mailto:sheddpublicacoes@uol.com.br)

[www.sheddpublicacoes.com.br](http://www.sheddpublicacoes.com.br)

Proibida a reprodução por quaisquer  
meios (mecânicos, eletrônicos, xerográficos,  
fotográficos, gravação, estocagem em banco de  
dados, etc.), a não ser em citações breves  
com indicação de fonte.

*Printed in Brazil* / Impresso no Brasil

ISBN 978-85-88315-82-2

TRADUÇÃO: Daniel Hubert Kroker,  
Rebeca Hubert Kroker e Valdemar Kroker

REVISÃO: Regina Aranha e Helena Aranha

DIAGRAMAÇÃO : Edmilson F. Bizerra

CAPA: Samuel Paiva

# DEDICATÓRIA

Haddon Robinson

Sid Buzzell  
Scott Gibson  
Duane Litfin  
Don Sunukjian  
Bruce Waltke

Colegas no ministério a quem me sinto honrado em chamá-los de “amigos”.

Craig Brian Larson

À minha esposa Nancy e aos meus filhos, Aaron, Ben, Mark e Brian David,  
que têm apoiado esse elevado chamado; e às igrejas a que servi por abrirem  
seu coração para receber a Palavra da Vida

# UMA ORAÇÃO DE GEORGE HERBERT

## (1593-1633)

Senhor, como pode o homem pregar a tua palavra eterna?  
Ele é vidro frágil e imprestável.  
No entanto, no teu templo tu lhe conferes  
Esse lugar glorioso e transcendente,  
A ser uma janela por tua graça.

Mas quando temperas no vidro a tua história,  
Fazendo tua vida brilhar dentro  
Do teu sagrado pregador, então a tua luz e a glória  
Mais reverenciadas se tornam, e mais ganho trazem,  
O que sem isso seria diluído, desanimador e tênue.

Doutrina e vida, cores e luz em um  
Quando se combinam e se fundem, produzem  
Estima forte e admiração; mas a fala somente  
Desvanece como uma coisa em chamas  
E no ouvido soa, não na consciência.

## COMO USAR ESTE LIVRO

Os capítulos deste livro vêm de quatro fontes: o melhor do melhor da pregação de vinte e cinco anos da revista *Leadership* (Liderança), quase cinco anos de *Preaching Today.com*, em torno de vinte anos de *Preaching Today* em áudio (estes três primeiros são recursos da *Christianity Today International*) e capítulos escritos especificamente para esta publicação.

Um manual como este — transbordando de informações úteis — tem de ser bem administrado. Assim como comer chocolate, os capítulos podem ser tão preciosos que temos vontade de ler e continuar lendo, mas a quantidade de percepções e descobertas pode ser esmagadora. Assim como participar de um seminário de uma semana, chegamos a um ponto em que há coisas demais para assimilar, coisas demais em que pensar enquanto nos preparamos para pregar.

Como no caso de grandes músicos, as pessoas no ministério crescem ao longo do tempo. Esperamos que este manual seja um recurso com que você cresça ao longo dos próximos anos. Você vai focalizar propositadamente em um princípio importante de um capítulo por semanas ou meses. A certa altura, isso vai se tornar sua segunda natureza, e você vai estar preparado para focalizar intencionalmente a sua atenção em outro princípio.

Se você ainda não tem uma *checklist* pessoal de pregação, elabore-o, pois servirá como um repositório de coisas que você quer se lembrar de fazer enquanto prepara e prega um sermão. Faça acréscimos a essa *checklist* enquanto lê este livro (marcando os números das páginas para voltar a elas mais tarde), sabendo que você não vai conseguir crescer e trabalhar em todos esses aspectos ao mesmo tempo. Mas com uma *checklist* você fica despreocupado e tem um plano de crescimento que pode usar e com o qual pode trabalhar na proporção em que suas habilidades permitirem. Talvez, neste ano, você não consiga implementar aquelas grandes idéias encontradas em algum artigo, mas o fará no próximo.

Depois de preparar um sermão, verifique a sua *checklist* para ter certeza de que cobriu ao menos os pontos essenciais. A *checklist* ajuda a elaborar o processo formal de preparação de sermões que previne que você seja paralisado pelas complexidades de pregar bem.

No manual, esboçamos as partes e os capítulos com o propósito de proporcionar uma seqüência natural, mas o material não está edificado como os tijolos em uma parede. Cada capítulo existe por si mesmo. Você pode começar a ler em qualquer lugar que desejar e saltar para trás e para frente, à vontade, na busca de interesses especiais.

Talvez você goste especialmente de alguns autores e queira ler tudo que eles escreveram neste livro. Para fazer isso, pesquise no *Sumário*.

Você talvez queira ler tudo que o livro traz acerca de um tema (Estilo, Preparação, Ilustrações, etc). Para fazer isso, consulte o *Sumário* e verifique qual das onze *partes* trata do tema que procura.

Outra forma de estudar o livro é, sem dúvida, ler um capítulo de cada vez, focalizando uma área mais geral da pregação — como ilustrações ou estilo. Esses capítulos cobrem a área mais evidente, mas observe que não o fazem de forma exaustiva. Este livro não é uma enciclopédia da pregação. Por exemplo, o livro não contém capítulos acerca da pregação em cada uma das grandes tradições.

Recomendamos este livro a você com nossas orações e nossa fé, crendo que ele pode traçar o mapa para o seu crescimento e enriquecimento no sublime chamado da pregação durante anos por vir e esperando que você encontre muitos artigos que acabem na sua lista de releitura anual.

Rendemos gratidão especial à multidão de autores cujos capítulos estão entre estas capas, por sua experiência e permissão de usar o seu material. Esses autores concordam na importância da pregação; naturalmente eles não concordam em tudo em relação a como se deve fazê-lo. Até mesmo nas páginas deste livro há saudáveis diferenças de opinião.

Queremos expressar nossos agradecimentos também a Paul Engle, editor assistente do departamento editorial da Zondervan, por sua visão e direção para este livro durante todo o curso do projeto; e para os editores, em particular o editor assistente John Beukema, e assistentes alistados nas páginas de “Colaboradores” por sua dedicação, habilidade e trabalho de amor.

Tem sido grande alegria e honra servir a vocês nesse esforço.

*Haddon Robinson*  
*Craig Brian Larson*

# AGRADECIMENTOS

Na Parte 4, o artigo “A grande idéia da pregação narrativa”, de Paul Borden e Steven D. Mathewson, é uma adaptação do capítulo “Realmente há uma grande idéia nessa história?”, de Paul Borden, no livro *The Big Ideas of Biblical Preaching* (Baker, 1998), editado por Willhite e Gibson. Usado com permissão por Baker Book House ([www.bakerbooks.com](http://www.bakerbooks.com)), copyright © 1998. Todos os direitos a esse material estão reservados.

Na Parte 5, o artigo “O sangue vital da pregação”, de Ian Pitt-Watson foi extraído do livro *A Primer for Preachers*, p. 61, de Ian Pitt-Watson. Usado com permissão da Baker Book House, copyright © 1986. Todos os direitos a esse material estão reservados.

Na Parte 11, o artigo “Um *check-up* abrangente”, de Haddon Robinson, foi extraído de *Pregação bíblica*, Shedd Publicações, copyright © 2002. Usado com permissão. Todos os direitos a esse material estão reservados.

*Parte um*

O SUBLIME CHAMADO  
DA PREGAÇÃO

*Como posso ser fiel ao que Deus  
quer que a pregação seja e faça?*



## Capítulo 1

### AS CONVICÇÕES DA PREGAÇÃO BÍBLICA

Haddon Robinson

Para realizar a árdua tarefa de serem pregadores da Bíblia, homens e mulheres no ministério precisam estar comprometidos com certas verdades.

(1) *A Bíblia é a Palavra de Deus*. Como Agostinho o coloca: “Quando a Bíblia fala, Deus fala”. Essa é a convicção de que se eu posso realmente entender uma passagem em seu contexto, então o que eu sei é o que Deus quer dizer (eu não penso que muitos evangélicos, assim como muitos liberais, acreditem nisso).

(2) *Toda a Bíblia é a Palavra de Deus*. Não apenas Romanos ou Levítico, não apenas Efésios ou Ester. Não apenas as passagens “quentes”, mas também as “frias”.

(3) *A Bíblia é auto-atestatória*. Se pessoas podem ser expostas a um entendimento das Escrituras de maneira regular e constante, então elas não precisam de argumentos a respeito da veracidade das Escrituras. Portanto, um ouvinte ou leitor não precisa aderir totalmente à idéia dos dois primeiros compromissos para que Deus possa trabalhar na vida dessa pessoa por meio de sua Palavra.

(4) *Isso conduz a uma abordagem da pregação do tipo: “Assim diz o Senhor”*. Não estou me referindo a um método homilético aqui, mas a um desejo de abrir as Escrituras de modo que a autoridade da mensagem se apóie na Bíblia (isso funciona contra o espírito contrário à autoridade de nossa sociedade).

(5) *O estudante da Bíblia precisa tentar chegar à intenção do autor bíblico*. A primeira questão é: “O que o autor bíblico queria dizer ao leitor da Bíblia? Por quê?”. A teoria da Reação do Leitor adotada por muitos estudiosos literários hoje em dia não funciona no estudo da Bíblia. Posto de maneira simples: “A Bíblia não pode significar o que não significou”.

(6) *A Bíblia é um livro sobre Deus*. Ela não é um livro religioso de conselhos sobre as “respostas” que precisamos para um casamento feliz, sexo satisfatório, para o trabalho ou para perder peso. Embora as Escrituras reflitam muito a respeito dessas questões, elas são, acima de tudo, sobre quem Deus é e o que Deus pensa e quer. Eu entendo a realidade unicamente se tenho apreciação por quem ele é e o que deseja para sua criação e de sua criação.

(7) *Nós não “tornamos a Bíblia relevante”; mas apenas mostramos sua relevância*. A verdade é tão relevante quanto a água para a sede, e a comida para a fome. A publicidade moderna cria necessidades que de fato não existem para vender a mercadoria.

## Capítulo 2

### UMA DEFINIÇÃO DE PREGAÇÃO BÍBLICA

John Stott

Pretendo fornecer uma definição de exposição bíblica e apresentar uma defesa dela. Parece-me que essas duas tarefas pertencem uma à outra pelo fato de que a

defesa da exposição bíblica deve ser achada em sua definição. Aqui, então, está a definição: *Expor as Escrituras é esclarecer o texto inspirado com tal fidelidade e sensibilidade que a voz de Deus seja ouvida e seu povo lhe obedeça.*

Agora me permita extrair as implicações dessa definição de tal modo que apresente uma defesa da exposição bíblica. A definição contém seis implicações: duas convicções a respeito do texto bíblico, duas obrigações para expô-lo e duas expectativas como consequência.

### *Duas convicções a respeito do texto bíblico*

(1) *Ele é um texto inspirado.* Expor as Escrituras é esclarecer o texto inspirado. *Revelação* e *inspiração* andam juntas. *Revelação* descreve a iniciativa que Deus tomou de desvelar-se e, assim, mostrar-se, já que, sem essa revelação, ele permaneceria o Deus desconhecido. *Inspiração* descreve o processo pelo qual ele fez isso, isto é, falando aos profetas e aos apóstolos bíblicos e por meio deles, e sussurrando sua Palavra de sua boca de tal forma que ela também saísse da boca deles. Caso contrário, seus pensamentos teriam sido inatingíveis para nós.

A terceira palavra é *providência*, isto é, a amável provisão pela qual Deus providenciou para que as palavras que ele disse fossem escritas de forma a constituírem o que chamamos de Escrituras e, desse modo, as preservou ao longo dos séculos de forma a serem acessíveis a todas as pessoas em todos os lugares e em todos os tempos. As Escrituras, portanto, são a palavra de Deus escrita. É sua auto-revelação de forma falada e escrita. As Escrituras são o produto da revelação, inspiração e providência de Deus.

Essa primeira convicção é indispensável para pregadores. Se Deus não tivesse falado, nós não nos atreveríamos a falar, porque não teríamos nada a expressar exceto nossas triviais especulações. Mas já que Deus falou, nós também precisamos falar, comunicando a outros o que ele nos comunicou nas Escrituras. De fato, nós nos recusamos a ser silenciados. Como Amós o coloca: “O leão rugiu, quem não temerá? O SENHOR, o Soberano, falou, quem não profetizará?”, isto é, passe adiante a Palavra que ele disse. Similarmente, Paulo, ecoando o Salmo 116.10, escreveu: “Nós também cremos e, por isso, falamos” (2Co 4.13). Isto é, acreditamos no que Deus disse e é por isso que também falamos.

Tenho pena do pregador que chega ao púlpito sem Bíblia em suas mãos ou com uma Bíblia que é mais trapos e farrapos do que a Palavra do Deus vivo. Ele não pode expor as Escrituras porque não tem Escrituras para expor. Ele não pode falar porque não tem nada a dizer, ao menos nada importante. Ah, mas dirigir-se ao púlpito com a confiança de que Deus falou, que ele fez com que o que disse fosse escrito, e que temos esse texto inspirado em nossas mãos, aí sim nossa cabeça começa a girar, e nosso coração a bater, e nosso sangue a correr, e nossos olhos a brilhar com a glória absoluta de ter a palavra de Deus em nossas mãos e lábios.

Essa é a primeira convicção, e a segunda é esta:

(2) *O texto inspirado é, até certo ponto, um texto fechado.* Essa é a implicação da minha definição. Expor as Escrituras é esclarecer o texto inspirado. Assim, ele precisa estar parcialmente fechado se for para ser esclarecido. E eu penso que imediatamente vejo seus “pêlos protestantes” eriçados com indignação. O que você quer dizer? Por acaso é que as Escrituras estão parcialmente fechadas? As Escrituras não são um livro completamente aberto? Você não acredita no que os reformadores do século XVI ensinaram a respeito da clareza das Escrituras, que elas são transparentes? Não pode até mesmo o simples e o inculto ler a Bíblia por si mesmo? Não é o Espírito Santo o nosso mestre dado por Deus? E, com a Palavra de Deus e o Espírito de Deus, não devemos dizer que não precisamos do magistério eclesiástico para nos instruir?

Eu posso responder com um ressonante sim a todas essas questões, mas o que você diz de maneira correta precisa ser classificado. A insistência dos reformadores na clareza das Escrituras se referia à sua mensagem central — seu evangelho de salvação pela fé em Jesus Cristo somente. Isso é claro como o dia nas Escrituras. Mas os reformadores não sustentavam que tudo nas Escrituras estava claro. Como eles poderiam fazer isso, quando Pedro disse que existiam algumas coisas nas cartas de Paulo que nem ele conseguia entender (2Pe 3.16)? Se um apóstolo nem sempre entendia outro apóstolo, dificilmente seríamos modestos se disséssemos que nós entendemos.

A verdade é que precisamos uns dos outros na interpretação das Escrituras. A igreja é corretamente chamada de comunidade hermenêutica, uma comunhão de crentes em que a Palavra de Deus é exposta e interpretada. De modo particular, precisamos de pastores e professores para expô-la, para esclarecê-la de modo que a possamos entender. É por isso que o Jesus Cristo que ascendeu, de acordo com Efésios 4.11, ainda está dando pastores e mestres à sua igreja.

Você se lembra o que o eunuco etíope disse na carruagem quando Felipe lhe perguntou se ele havia entendido o que estava lendo em Isaías 53? Ele disse: “Ora, é claro que posso. Você não acredita na clareza das Escrituras?”. Não, ele não disse isso. Ele disse o seguinte: “Como posso entender se alguém não me explicar?” (At 8.31).

E Calvino, em seu maravilhoso comentário desse trecho em Atos, escreve a respeito da humildade do etíope, dizendo que ele gostaria que houvesse mais homens e mulheres humildes em seus dias. Ele contrasta essa humildade com aqueles que descreveu como arrogantes e confiantes em suas próprias aptidões para entender. Calvino escreveu:

É por isso que a leitura das Escrituras dá resultado com tão poucas pessoas hoje em dia porque mal se acha um em cem que alegremente se submete ao ensino. Ora, se qualquer um de nós for ensinável, os anjos descerão do céu para nos ensinar. Não precisamos de anjos. Nós deveríamos usar todos os auxílios que o Senhor coloca diante de nós para o entendimento das Escrituras e, em particular, pregadores e mestres.

Mas se Deus nos deu as Escrituras, ele também nos deu mestres para expô-las. E aqueles de nós que foram chamados para pregar precisam se lembrar disso. Como Timóteo, devemos nos dedicar à leitura pública das Escrituras e à pregação e ensino (1Tm 4.13). Devemos tanto ler as Escrituras para a congregação como extrair toda nossa instrução e exortação doutrinárias delas.

Aqui, portanto, está o exemplo bíblico de que Deus nos deu nas Escrituras um texto que é tanto inspirado, tendo origem ou autoridade divinas, quanto, até certo ponto, é fechado ou é difícil de entender. Portanto, em adição a nos ter dado o texto, ele nos deu professores para esclarecer o texto, explicá-lo e aplicá-lo à vida das pessoas hoje.

### *Duas obrigações na exposição do texto*

Posto que o texto inspirado precisa ser exposto, como isso deve ser feito?

Antes que eu tente responder a essa pergunta, permita-me dirigir-nos a uma das principais razões pelas quais o texto bíblico é, até certo ponto, fechado e difícil de entender. Isso diz respeito ao abismo cultural que se abre de forma muito ampla e profunda entre os dois mundos — o mundo antigo em que Deus falou sua Palavra e o mundo moderno em que nós a ouvimos. Quando lemos a Bíblia, retrocedemos dois milênios além da revolução do microprocessador, além da revolução eletrônica, além da revolução industrial, retrocedemos e voltamos a um mundo que há muito tempo cessou de existir. Assim, mesmo quando lemos a Bíblia em uma versão moderna, ela parece esquisita, ela soa arcaica, ela parece obsoleta e parece antiquada. Nós somos tentados a perguntar, como muitas pessoas fazem: *O que esse antigo Livro tem a me dizer?*

Não se ressinta do abismo cultural entre o mundo antigo em que Deus falou e o mundo moderno em que nós vivemos. Não se ressinta disso porque isso nos causa problemas. É umas das glórias da revelação que, quando Deus decidiu falar a seres humanos, ele não falou em sua própria linguagem, porque se Deus tem uma linguagem própria e nos tivesse falado por meio dela, nós certamente nunca a teríamos entendido. Em vez disso, ele condescendeu em falar em nossas linguagens, particularmente no hebraico clássico e no grego comum. E, ao falar as linguagens do povo, ele espelhou as próprias culturas deles, as culturas do antigo Oriente Próximo e do mundo greco-romano e do judaísmo palestino. É esse fato do condicionamento cultural das Escrituras, da conseqüente tensão entre o mundo antigo e o mundo moderno que determina a tarefa da exposição bíblica e coloca sobre nós nossas duas obrigações.

(1) *A primeira obrigação é fidelidade ao texto bíblico.* Você e eu precisamos aceitar a disciplina de nos colocar dentro da situação dos autores bíblicos — sua história, geografia, cultura e linguagem. Se negarmos essa tarefa ou se a realizarmos de um modo relaxado ou indiferente, isso será indesculpável. Isso expressa desprezo pela maneira que Deus escolheu para falar ao mundo. Lembre-se, esta-

mos lidando com o texto inspirado por Deus. Dizemos que acreditamos nisso, mas nosso uso das Escrituras nem sempre é compatível com o que dizemos ser nossa visão das Escrituras. Com que cuidado diligente, metucioso e consciente deveríamos estudar por nós mesmos e esclarecer a outros as exatas palavras do Deus vivo! Assim, o erro mais grosseiro que podemos cometer é impor nossos pensamentos de século XXI às mentes dos autores bíblicos, para manipular o que eles disseram a fim de adaptar isso ao que gostaríamos que eles tivessem dito e, depois, reivindicar a defesa deles às nossas idéias.

Calvino acertou novamente quando, em seu prefácio ao comentário da carta aos romanos, escreveu uma bela frase: “É a primeira tarefa de um intérprete deixar seu autor dizer o que ele diz em vez de lhe atribuir o que nós pensamos que ele deve dizer”. É aí que começamos. Charles Simeon disse: “Meu empenho é tirar das Escrituras o que está ali e não acreditar no que eu penso que possa estar lá”.

Isso, então, é nossa primeira responsabilidade — fidelidade à antiga palavra das Escrituras.

(2) *A segunda obrigação é sensibilidade para com o mundo moderno.* Embora Deus tenha falado ao mundo antigo em suas próprias línguas e culturas, ele pretendeu que sua Palavra fosse para todas as pessoas em todas as culturas, incluindo a nós no começo do século XXI em que nos chamou para viver. Portanto, o expositor bíblico é mais do que um exegeta. O exegeta explica o significado original do texto. O expositor vai adiante e aplica isso ao mundo moderno. Precisamos nos esforçar para entender o mundo em que Deus nos chamou para viver, pois ele está mudando rapidamente. Precisamos sentir sua dor, sua desorientação e seu desespero. Tudo isso é parte de nossa sensibilidade cristã na compaixão pelo mundo moderno.

Aqui, portanto, está nossa obrigação dupla como expositores bíblicos: esclarecer o texto inspirado das Escrituras tanto com *fidelidade* ao mundo antigo quanto com *sensibilidade* para com o mundo moderno. Nós não devemos nem falsificar a Palavra a fim de obter uma pretensa relevância nem devemos ignorar o mundo moderno a fim de obter uma pretensa fidelidade. É a combinação de fidelidade com sensibilidade que cria o expositor autêntico.

Mas porque esse processo é difícil, ele também é raro. A falha característica dos evangélicos é serem bíblicos, mas não contemporâneos. A falha característica dos liberais é serem contemporâneos, mas não bíblicos. Poucos de nós sequer começam a se importar com ser ambas as coisas simultaneamente.

À medida que estudamos o texto, precisamos nos fazer duas perguntas na ordem certa. A primeira é: O que ele significou? Ou, se você preferir: O que ele significa?, porque ele significa o que significou. Como alguém disse: “Um texto significa o que seu autor quis dizer”.

Assim, o que ele significou quando ele o escreveu? Então fazemos a segunda pergunta: O que ele diz? Qual é sua mensagem hoje no mundo contemporâneo? Se agarramos seu significado sem irmos à sua mensagem, o que ele diz a nós hoje,

nós nos entregamos ao estudo de antiguidades que não está relacionado ao presente ou ao mundo real em que fomos chamados para ministrar. Se, entretanto, começamos com a mensagem contemporânea sem nos ter dado à disciplina de perguntar: “O que isso significou originariamente?”, então nos entregamos ao existencialismo — sem relação com o passado, sem relação com a revelação que Deus deu em Cristo e pelas testemunhas bíblicas de Cristo. Precisamos fazer ambas as perguntas e precisamos fazê-las na ordem correta.

### *Duas expectativas como consequência*

Se estamos convencidos de que o texto bíblico é inspirado, ainda que fechado ou precisando ser aberto até certo ponto, e se aceitamos nossa obrigação de abrir o texto de um modo que é tanto fiel quanto sensível, o que podemos esperar que aconteça?

(1) *Podemos esperar ouvir a voz do próprio Deus.* Nós acreditamos que Deus *falou* por meio dos autores bíblicos, mas também precisamos acreditar que Deus *fala* por meio do que ele falou.

Essa era a convicção dos apóstolos em relação ao Antigo Testamento. Eles inserem suas citações do Antigo Testamento com uma ou outra de duas fórmulas: ou “Está escrito”, ou: “A Palavra diz”. Paulo até mesmo poderia fazer a pergunta: “O que as Escrituras dizem?”. Nós poderíamos responder a ele: “Paulo, sem essa. O que você, por acaso, poderia estar pensando a respeito de *O que as Escrituras dizem?* As Escrituras são um livro antigo. Livros antigos não falam. Como você pode perguntar: “O que as Escrituras dizem?”. Mas as Escrituras falam. Deus fala por meio do que ele falou. O Espírito Santo diz: “Hoje, se vocês ouvirem a sua voz, não endureçam o seu coração” (veja Hb 3.7). A palavra de Deus é viva e poderosa, e Deus fala por meio dela com uma voz viva (4.12).

Agora, uma expectativa destas — a de que à medida que lemos e expomos as Escrituras Deus falará com uma voz viva — está em uma situação ruim hoje em dia. Como alguém disse: “Nós inventamos uma maneira de ler a Palavra de Deus da qual nenhuma palavra de Deus jamais surge”. Quando o momento para o sermão chega, as pessoas fecham seus olhos, apertam as mãos com uma fina mostra de piedade e reclinam-se para sua dose costumeira. E o pregador as encoraja com sua voz e maneira solenes.

Quão absoluta e radicalmente diferente é quando tanto o pregador como as pessoas esperam que o Deus vivo fale. As pessoas trazem sua Bíblia à igreja. Quando a abrem, sentam na beirada de sua cadeira e esperam que Deus fale. Elas esperam, famintas, uma palavra de Deus. O pregador se prepara de tal forma que espera que Deus fale. Ele ora antes do culto e no púlpito para que Deus faça isso. Ele lê e expõe o texto com grande seriedade de propósito. E, quando termina, ora novamente. Em meio a essa grande tranqüilidade e solenidade, quando sua mensagem acaba, todos sabem que Deus está presente e confronta seu povo consigo mesmo.

Essa é a primeira expectativa, e a segunda é esta.

(2) *O povo de Deus lhe obedecerá.* A Palavra de Deus exige uma resposta de obediência. Nós não devemos ser ouvintes esquecidos, mas obedientes. Nossa vida e saúde espirituais dependem disso. Por todo o Antigo Testamento, ouvimos a terrível lamentação de Deus: “Oh! Como gostaria que vocês ouvissem a minha voz”. Deus ainda está dizendo isso hoje. Ele continuou mandando seus profetas a seu povo, mas eles continuaram zombando de seus mensageiros, desprezaram suas palavras e ridicularizaram seus profetas, até que a ira de Javé foi despertada contra o seu povo e não havia remédio. O epitáfio gravado no túmulo de Israel era: “Eles se recusaram a ouvir”.

Temo que a situação seja a mesma nos dias de hoje. O dr. Lloyd-Jones escreveu em seu grande livro *Pregação e Pregadores* que as eras decadentes da história da igreja foram aquelas em que a pregação decaiu. É verdade. Não apenas a pregação da Palavra, mas também o ouvir da Palavra decaiu. A pobreza espiritual de muitas igrejas por todo o mundo hoje é devida, mais do que qualquer outra coisa, ou à falta de disposição em ouvir ou à incapacidade para ouvir a Palavra de Deus. Se indivíduos vivem pela Palavra de Deus, assim fazem as congregações. E uma congregação não pode amadurecer sem um ministério bíblico fiel e compreensivo e sem escutar a Palavra por si mesma.

Como devemos reagir? A reação à palavra de Deus depende do conteúdo da Palavra que foi falada.

- Se Deus fala a nós a respeito de si mesmo, nós respondemos nos humilhando perante ele em adoração.
- Se Deus fala a respeito de nós — nossa desobediência, leviandade e culpa — então respondemos em penitência e confissão.
- Se ele fala a nós a respeito de Jesus Cristo e a glória de sua pessoa e obra, nós respondemos em fé, agarrando-nos a esse Salvador.
- Se ele fala a respeito de suas promessas, nós nos determinamos a herdá-las.
- Se ele fala a respeito de seus mandamentos, nós nos determinamos a obedecer-lhes.
- Se ele fala a nós a respeito do mundo exterior e suas colossais necessidades materiais e espirituais, então respondemos quando surge dentro de nós sua compaixão para levar o evangelho por todo o mundo, para alimentar os famintos e cuidar dos pobres.
- Se ele fala a nós a respeito do futuro, a respeito da vinda de Cristo e da glória que se seguirá, então nossa esperança está acesa e decidimos ser santos e estar ocupados até que ele venha.

O pregador que se aprofundou no texto, que o isolou e desenvolveu seu tema principal, e que ficou profundamente agitado ele mesmo pelo texto que estudou, baterá o martelo em sua conclusão. O pregador concederá às pessoas uma chance de

reagir a ele, freqüentemente em oração silenciosa à medida que cada um é conduzido pelo Espírito Santo a uma obediência apropriada.

É um enorme privilégio ser um expositor bíblico — estar no púlpito com a Palavra de Deus em nossas mãos, o Espírito em nosso coração e o povo de Deus perante nossos olhos aguardando esperançosamente a voz de Deus para ser ouvida e obedecida.

## Capítulo 3

### UMA DOSE SEMANAL DE DIGNIDADE CONDENSADA

#### *Como um sermão confere valor à alma*

Craig Brian Larson

Eu fui à casa de uma mulher que freqüentava a igreja que eu pastoreio. Quando entrei no apartamento, seu marido estava dormindo na sala em uma cama móvel, e sua aparência esquelética e pele amarelada estampavam um ser consumido pelo whiskey. Quando ele acordou e nos encontramos, sua voz estava rouca e áspera por causa do fumo e amedrontadoramente alta. Havia algo detestável nos seus olhos que fizeram meu sangue gelar.

Esse era o homem exigente e abusivo que a mulher em nossa igreja tentava apaziguar dia após dia. Ela me contou histórias deprimentes sobre ele.

Eles viviam na dependência da Assistência Social e sua casa evidenciava pobreza em todos os cantos. No “jardim” sujo estava um pneu abandonado. O chão da cozinha estava inclinado de maneira abrupta e as paredes melancólicas precisavam de pintura. Na sala de estar, o pano dos braços das cadeiras estava completamente gasto, uma ou duas cadeiras inclinadas por causa de uma perna faltando, as almofadas não ajudavam a esconder o estado dos móveis. Ratoeiras estavam por toda parte. Duas lâmpadas que certamente não tinham mais de 40 watts cada uma iluminavam vagamente o lugar.

Mas a cada semana algo que a levava a um plano mais elevado e radiante acontecia na vida dessa mulher. Ela ia à igreja e ouvia um sermão. Aquele sermão não era nada mais nada menos do que uma dose condensada de dignidade que salvava e enobrecia seu espírito esgotado. Regularmente, eu via as lágrimas de gratidão enquanto ela pegava na minha mão antes de ir para casa.

Não importa qual a nossa situação, a vida diária em um mundo decaído é uma caminhada árdua marcada pela depreciação. Os que freqüentam nossas igrejas são bombardeados diariamente por valores falsos e crenças que rebaixam a criação de Deus, por desprezos e insultos pessoais, pela acusação de Satanás. Sua mente é assaltada com imagens indecentes e profanas, as quais Deus censura precisamente porque rebaixa a criação. Elas estão sujeitas a pecados que desfiguram a imagem de Deus dentro delas. Elas experimentam imagens distorcidas de si mesmas que contradizem a verdade de Deus.